

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
BACHARELADO EM JORNALISMO**

GIOVANNA VITÓRIA RODRIGUES PEREIRA

**CONTRA-ATAQUE: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A RESISTÊNCIA NA
ARQUIBANCADA**

São Borja

2023

GIOVANNA VITÓRIA RODRIGUES PEREIRA

**CONTRA-ATAQUE: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A RESISTÊNCIA NA
ARQUIBANCADA**

Trabalho de Conclusão de Curso - Projeto Experimental - apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora Prof^ª.Dr^ª Sara Alves Feitosa.

São Borja

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P436c Pereira, Giovanna Vitória Rodrigues
CONTRA-ATAQUE: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A RESISTÊNCIA NA
ARQUIBANCADA / Giovanna Vitória Rodrigues Pereira.
44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2023.
"Orientação: Sara Alves Feitosa".

1. Documentário. 2. Futebol e Política. 3. Facismo. 4.
Antifascismo. 5. Resistência. I. Título.

GIOVANNA VITÓRIA RODRIGUES PEREIRA

CONTRA-ATAQUE: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A
RESISTÊNCIA ARQUIBANCADA

Trabalho de Conclusão de
Curso - Projeto
Experimental - apresentado
ao Curso de
Jornalismo da Universidade
Federal do Pampa
como requisito parcial para
obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

TCC defendido e aprovado em: 04/12/2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr^a. Sara Alves Feitosa

Orientador

(Unipampa)

Prof. Ms. Mariana Mandelli

(USP)

Prof. Dr^a. Alciane Nolibos Baccin

(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **SARAALVES FEITOSA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/12/2023, às 11:04, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Mariana Carolina Mandelli, Usuário Externo**, em 06/12/2023, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALCIANE NOLIBOS BACCIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/12/2023, às 19:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1320594** e o código CRC **24BB39EA**.

Dedico este trabalho a todos que amo e que me ajudaram ao longo desses quatro anos.

AGRADECIMENTOS

Abdiquei de diversas coisas ao sair de Santo André (SP) e me mudar para São Borja aos 17 anos, começar estes agradecimentos não poderia ser diferente. Gostaria de agradecer a mim mesma, pela coragem e a força que tive que descobrir que tinha ao longo desses anos, nada disso seria possível se eu não tivesse saído do aconchego do lar em 2020 e me permitido viver essa experiência. Agradeço aos meus pais, Edilson e Eliane, e aos meus avôs que são minhas inspirações de vida José João e Rita Maria, gostaria que vocês soubessem que isso tudo é por vocês. Amo vocês incondicionalmente.

Quero agradecer a quem confiou em mim e assistiu a todas as mínimas edições do meu documentário até ele ficar finalmente pronto, e principalmente, por sempre me lembrar do meu potencial. Obrigada, Matheus, meu companheiro de vida, eu te agradeço por todo carinho, cuidado, amor e paciência. Te amo muito.

Aos meus amores de SP, que foram calmaria em todas as férias e fazem a minha vida ser mais leve, Cibele Fonseca, Gabriela Belo, Amanda Loebeling e Karina Crisanto. Obrigada pela ajuda e colo sempre disponível. Amo MUITO vocês, minhas luanetes favoritas!

Quero agradecer às minhas companheiras de república, Luana Escobar, Raquel Ferreira, Bárbara Mendes, Sofia Bezerra, Maria Fernanda Corcetti, Luisa Pizzutti. Vocês foram essenciais nessa jornada e acabaram se tornando as irmãs que nunca tive a oportunidade de ter. Obrigada por tudo meus amores! A minha madrinha Tuãne Araújo, obrigada por todo o apoio e carinho, obrigada pelas fofquinhas e noites de pizza. Como já te disse infinitas vezes, você é minha referência como mulher, pesquisadora e jornalista. Amo você!

Gostaria de agradecer aos meus confidentes, Vitória Rios e Cassiano Battisti, vocês se tornaram essenciais na minha vida, as peças chaves do meu quebra-cabeça. Obrigada pelas vezes que me ajudaram sem nem perceber e principalmente por me ajudarem quando jurei que não aguentava mais. Vocês são os meus tesouros, amo vocês!

Quero agradecer a todos que, em algum momento, se tornaram a minha família em São Borja e deixaram a saudade de casa muito mais leve. Bia Sanas, que sorte a minha ter te encontrado amiga, obrigada pelos vinhos e conselhos, te amo muito. As minhas veteranas do coração Mariana Diel e Jullianny Cardoso, vocês são demais meninas, gratidão por tudo! Najú, obrigada por todo o apoio e noias compartilhadas. Aos amigos de PP, Junior Blanco, Gabriel Andrade e Maria Sá, fico muito feliz que pude conhecer cada um de vocês e que pude levar a amizade de vocês para além do mundo acadêmico.

As fontes que se tornaram amigas e companheiras de jogo a partir de agora, Micael Zaramella, Vitor Gomes, Julia Trindade, Julia Trindade, Leticia Pigari, Yuri Tambucci, Felipe Lopes, Pamella Mazucatto, Matias Pinto, Dennys Oliveira, Marina Silva, Diogo de Oliveira, Marcos Gama, Camila Cavalieri e Graziela Massonetto. Vocês foram essenciais para este primeiro momento, obrigada! A Mariana Mandelli, além de compor a banca, agradeço pela ajuda na busca pelas fontes e por todas as trocas de conhecimento, você é uma inspiração como pesquisadora, jornalista, torcedora e mulher.

Não poderia deixar de fora a professora Alciane Baccin, com quem desde o início tive uma relação que transpassa a sala de aula. Agradeço por todas as oportunidades acadêmicas e de mercado de trabalho, como estagiar na SBPJor, gratidão Alci, que todos possam ter a oportunidade de ter uma Alciane durante sua trajetória acadêmica.

O último agradecimento, e o mais importante e vai para uma pessoa incrível: a minha orientadora, Sara Feitosa, você é a minha maior inspiração. Obrigada, Sara, por acreditar que eu conseguiria e como você mesma disse a frase "tá tudo tranquilo" se tornou até piada em nossas orientações, mas essa tranquilidade só foi possível pela sua incrível orientação e amizade. Espero um dia, em um futuro acadêmico, ser como você foi para mim. Você é sensacional.

Se o futebol estivesse baseado na razão,
não haveria razão para existir o futebol.

Vicente Verdun

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso - Projeto Experimental - “*Contra-ataque: resistência na arquibancada*” compreende a produção de um documentário que apresenta uma narrativa a partir de entrevistas com membros de coletivos antifascistas dos clubes Corinthians, Palmeiras e São Paulo, além de pesquisadores sobre futebol e política. Este trabalho objetiva produzir conteúdo de jornalismo esportivo direcionado a torcedores que acreditam na coexistência de futebol e política, ao refletir sobre a importância dos torcedores em momentos históricos para a democracia, além de considerar o futebol como uma influência para a construção da identidade cultural brasileira. Trata-se da produção de um documentário expositivo, que segundo Bill Nichols (2009), trata elementos do contexto histórico e social, a partir da argumentação, a indagação proposta pelo documentário é: Qual a relação entre futebol e política a partir do olhar de torcedores antifascistas?. A metodologia tem como base o processo de produção de documentário proposto por Sérgio Puccini (2009) que trabalha a estrutura desse tipo de produto em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção. A pesquisa bibliográfica também foi utilizada como base nos procedimentos metodológicos, com a análise de veículos da mídia hegemônica, pesquisa documental e de campo para a construção do produto. O resultado é um documentário de 15 minutos que traz o ponto de vista dos seguintes torcedores e pesquisadores: Micael Zaramella, Felipe Lopes, Matias Pinto, Dennys Oliveira, Graziela Massonetto, Leticia Pigari, Camila Cavalieri, Julia Belas e Pamella Mazucatto.

Palavras-Chave: Documentário; Futebol e Política; Facismo; Antifascismo; Resistência.

ABSTRACT

The Course Completion Work - Experimental Project - “Contra-Ataque: resistance in the stands” comprises the production of a documentary presenting a narrative based on interviews with members of anti-fascist collectives from the Corinthians, Palmeiras, and São Paulo clubs, as well as researchers about football and politics. The work aims to produce sports journalism content to fans who believe in the coexistence of football and politics. This is done by proposing a reflection on the importance of fans in historical moments for democracy, in addition to considering football as an influence on the construction of Brazilian cultural identity. It involves the production of an expository documentary, which, according to Bill Nichols (2009), deals with elements of the historical and social context based on argumentation. In this sense, the question proposed by the documentary is: What is the relationship between football and politics from the perspective of anti-fascist fans? The methodology is based on the documentary production process proposed by Sérgio Puccini (2009), in which the structure of this type of product is worked on in three stages: pre-production, production, and post-production. Bibliographical research was also used as a basis for methodological procedures, including the analysis of hegemonic media vehicles, documentary, and field research to build the product. The result is a 15-minute documentary that brings the point of view of the following fans and researchers: Micael Zaramella, Felipe Lopes, Matias Pinto, Dennys Oliveira, Graziela Massonetto, Leticia Pigari, Camila Cavalieri, Julia Belas, and Pamella Mazucatto.

Keywords: Documentary; Football and Politics; Facism; Antifascist; Resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Tema e enfoque experimental	14
1.2 Problema de comunicação	14
2 OBJETIVOS	14
2.1 Objetivo geral	14
2.2 Objetivos específicos	14
3 JUSTIFICATIVA	15
4 REFERENCIAL TEÓRICO	17
4.1 Futebol e Cultura Brasileira	17
4.2 Futebol e Política	20
4.3 O fenômeno das torcidas organizadas	23
4.3.1 Coletivos Antifascistas	25
4.4 Documentário	29
5 METODOLOGIA APLICADA	30
5.1 Pré-produção	30
5.1.1 As fontes	30
5.1.2 Materiais de apoio	31
5.1.3 Pautas	31
5.1.4 Roteiro de entrevista semi-estruturada	32
5.1.5 Do cronograma de pré-produção	33
5.2 Produção	33
5.3 Pós-produção	34
6 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	34
6.1 Pré-Produção	34
6.2 Produção	34
6.3 Pós Produção	37

7 AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO	38
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
9 REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

1.1 Tema e enfoque experimental

O tema norteador deste projeto experimental se propõe a entender como os coletivos antifascistas se tornaram evidentes nos últimos anos e a sua importância para a política brasileira. Através de uma pesquisa exploratória, por meio de teses e dissertações, além de contar com recortes de reportagens e coberturas midiáticas que contaram com a participação dos coletivos antifascistas, e principalmente, ouvir as fontes para realizar a produção do documentário. Sendo assim, este enfoque experimental reflete na produção do documentário "Contra-Ataque: resistência nas arquibancadas"¹ é uma tática utilizada no futebol pelos times para se defenderem do ataque adversário e, em seguida, virar a jogada ao seu favor².

Por se tratar de um tema relevante e que ainda é pouco explorado, é necessário realizar um recorte geográfico, assim, abordando a região Sudeste, mais precisamente o estado de São Paulo, considerando os coletivos antifascistas dos times tidos como grandes: Corinthians, Palmeiras e São Paulo. Com enfoque na relação intrínseca de futebol e política, o debate sobre ser mulher no ambiente de estádio e o crescimento dos coletivos antifascistas nos últimos anos.

1.2 Problema de comunicação

Qual a relação entre futebol e política?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Produzir um documentário que debata as relações futebol e política a partir do olhar de torcedores antifascistas no estado de São Paulo.

2.2 Objetivos específicos

- Entender a importância dos coletivos antifascistas de futebol no Brasil.
- Identificar como a identidade brasileira está relacionada ao futebol e a política.

¹ Para assistir, acesse: [Contra-Ataque: Resistência na Arquibancada](#)

² No item 6.2 Produção está explicado o processo de escolha do nome do documentário.

- Investigar o papel dos coletivos antifascistas na mobilização social e política em temas como a luta contra o racismo, a misoginia e a defesa dos direitos humanos.

3 JUSTIFICATIVA

O trabalho proposto é pertinente para demonstrar a importância política que as torcidas antifascistas exercem no Brasil e seu evidente crescimento nos últimos anos. Este tema ainda conta com poucos estudos na área de humanas, mas principalmente, no jornalismo. O interesse de falar sobre este tema surgiu ao refletir a importância dos torcedores em momentos históricos para a democracia, além de considerar o futebol como uma influência para a construção da identidade cultural brasileira. Os objetos empíricos da comunicação são ações sociais, observadas por diferentes olhares, sendo assim, o objeto empírico desta pesquisa são os coletivos antifascistas como fenômeno social de coletivo (FRANÇA, 2016).

Sendo assim, o estado da arte desta pesquisa exploratória foi feita através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Google Acadêmico, os termos procurados foram "**torcida antifascista**" (1), "**futebol e política**" (2), "**futebol e identidade cultural**" (3). Através destas palavras-chave, para o termo **1**, encontrei três resultados na BDTD e 707 no Google Acadêmico; para o **2**, foram quatro na BDTD e 15.800 no Google Acadêmico; o termo **3**, foram um na BDTD e 16.100 no Google Acadêmico. Pela abundância de conteúdo encontrado, foi necessário realizar um recorte, sendo assim, filtrei trabalhos defendidos entre 2018 a 2022, escritos em português, na área de comunicação e com base na ordem de relevância.

Para o termo **torcida antifascista (1)**, pelo BDTD encontrei um resultados na BDTD na área da comunicação e 707 no Google Acadêmico. Optei por ler o resumo de uma tese na área da história e duas dissertações encontradas no BDTD, a primeira e única dissertação que se encontra na área da comunicação é a: "Política e esporte: a construção da ultradireita no interior do Palmeiras e a dialética da resistência" de Emiliano Peggion de Carvalho, defendida no ano de 2020, na Universidade Federal do Mato Grosso. A segunda dissertação na área da sociologia se denomina "A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro" de Vitor Gomes, para o Programa de Pós-graduação em Sociologia (FCS), na Universidade Federal de Goiás, defendida em 2020. O terceiro trabalho é uma tese denominada como: "As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras

Resistência Coral (1950-2020)" por Caio Lucas Morais Pinheiro, defendida no ano de 2020, pelo programa de pós-graduação em história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No google acadêmico optei por ler dois artigos, o primeiro por ser um dos primeiros na busca sobre o tema, e o segundo pelo título, sendo eles, "Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências" de Phelipe Caldas, Roberto Souza Junior da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) em conjunto com Marianna Andrade da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) no âmbito da antropologia e ciências sociais. O segundo artigo é "Entre o fascismo e o antifascismo: repercussões sociopolíticas no universo futebolístico" de Francisco Thiago Cavalcante Garcez e Laura Hemilly Campos Martins da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Para o termo **futebol e política (2)**, foram encontrados quatro resultados no BDTD e 15.800 no Google Acadêmico. Pelo BDTD não foram encontrados trabalhos que pudessem contribuir para este estudo. Pelo Google Acadêmico, três artigos foram escolhidos por aparecem na primeira página de pesquisa. O artigo "Futebol, política e identidade no Brasil" de Marcel Vejmelka, que aborda a Copa do Mundo e a identidade que o Brasil reflete. Já o artigo "O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020" de Eric Monné Fraga de Oliveira para a Revista Sociedade e Cultura, vol. 24 da Universidade Federal de Goiás (UFG). Por último, o artigo "Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo" realizado por Osmar Moreira de Souza Junior da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) para a revista "Motricidades" vol. 4.

Para o termo **futebol e identidade cultural (3)**, pela BDTD não foram encontrados estudos que pudessem contribuir para este trabalho. No Google Acadêmico, optei por dois artigos, o critério se deu pelo título e resumo, sendo eles, "Cultura Brasileira: A influência do futebol na formação da identidade nacional" de Patrícia Dias Hadama da Universidade Paulista e Universidade Nanzan, o artigo que trata sobre a história do futebol no Brasil, e como ele se tornou parte da identidade brasileira, por adentrar na linguagem, influenciar as artes e se tornar um fenômeno cultural. Por último, o artigo "O processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional brasileira" de Guilherme Silva Pires de Freitas e Luiz Gonzaga Godoi Trigo pela Universidade Federal de São Paulo (USP).

Na busca de trabalhos para a composição do estado da arte, me deparei com a ausência de abordagem dessa temática no campo da comunicação, principalmente, na abordagem que pretendo seguir. Esta constatação atribui traço de ineditismo, na área de comunicação, para o trabalho aqui apresentado.

Segundo Lucia Santaella (2001), uma pesquisa pode oferecer três contribuições: científico-teórica, científica-prática e de ordem social. A partir desta definição proposta pela autora, para justificar a ordem social, existe uma implicação pessoal além de tudo, essa pesquisa se dá através da minha proximidade com o futebol, por ser uma torcedora, e acreditar nos ideais das torcidas antifascistas, vejo a necessidade de refletir sobre o assunto. De acordo com Santaella, a contribuição social é quando a investigação propõe: "reflexão e debate em torno de problemas sociais ou quando um conhecimento prático é buscado como meio de intervenção na realidade social" (Santaella, 2001, p. 174).

O trabalho também se justifica a partir da ordem científica-prática. Segundo Santaella, busca-se "aplicar uma teoria a um dado fenômeno julgado problemático" (Santaella, 2001, p. 173). Essa justificativa foi escolhida, pois, trago torcedores que compactuam com esses ideais para compartilharem suas vivências, além de jornalistas esportivos que apoiam a causa.

De acordo com os trabalhos encontrados no estado da arte, percorri por diferentes áreas (sociologia, antropologia e comunicação) que em conjunto me ajudaram na compreensão e apontaram as problemáticas enfrentadas por estes coletivos.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentamos o referencial teórico dividido em quatro tópicos: futebol e cultura brasileira, futebol e política, o fenômeno das torcidas organizadas e documentário. O terceiro tópico, está dividido em um subtópico que abordará sobre os coletivos antifascistas.

4.1 Futebol e cultura brasileira

O futebol chega ao Brasil como um esporte de elite, vetado a negros, pobres, operários e analfabetos o acesso ao esporte. Por isso, ele teve que ser conquistado pelas classes populares e modificado para se integrar à cultura brasileira.

O Brasil, entre o fim do século XIX e o início do século XX, ainda dependia de uma economia agrária e convivia com uma grande desigualdade social. Mas o futebol, com suas regras simples e podendo ser jogado praticamente em qualquer terreno, atraiu a atenção das camadas mais pobres da sociedade, como os operários de fábrica e os negros, que demonstraram interesse em praticar a novidade. (Freitas; Trigo, 2020, p. 117).

Por intermédio de Charles Miller, filho de brasileira e pai escocês, morou na Inglaterra durante muitos anos, Miller foi um dos responsáveis por propagar o futebol no Brasil. O racismo foi uma das marcas iniciais do futebol brasileiro, os negros demoraram

muitos anos para serem aceitos nos grandes clubes, um racismo que se deu pelo elitismo social, econômico e de poder.

Os clubes davam aos jogadores negros e de classe mais baixa algumas gratificações após vitórias ou títulos, prática que ficou conhecida popularmente como bicho. Porém, as mesmas agremiações ainda resistiam em aceitar a ideia da profissionalização. Temia-se que a “pureza” do jogo fosse perdida ao ceder mais espaço às classes subalternas. (Freitas; Trigo, 2020, p. 118).

O futebol faz parte da identidade nacional, segundo Roberto DaMatta (1989) a construção da identidade nacional a partir de instituições secundárias, como carnaval, samba e futebol. Sendo assim, o futebol acabou se tornando um elemento importante da cultura brasileira, “a introdução do futebol na cultura brasileira, a partir de 1894, passa por diversos períodos até o profissionalismo, que é oficializado em meados de 1930.” (Riviti, 2016, p.22). O Presidente Getúlio Vargas, foi o responsável por profissionalizar o futebol por meio de suas políticas populistas, passou a considerar a prática futebolística através da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que instituiu direitos aos esportistas brasileiros "As políticas populistas de Getúlio Vargas, no período de 1930 a 1945, são responsáveis diretas por algumas das alterações legais que permitiram ao futebol se tornar profissional." (Riviti, 2016, p.29).

Ao longo do Estado Novo, o foco foi fortalecer as representações simbólicas do Brasil e da cultura brasileira, abarcando a força que o esporte possui com a grande massa, gerando o sentimento de pertencimento. Para Carvalho (2020):

O futebol como esporte faz parte da constituição da nação brasileira, cultural, política, social e economicamente, faz parte do surgimento dessa ideologia própria de nação, mesmo que conservadora, positivista e preconceituosa. (CARVALHO, 2020, p. 35).

Segundo Reis (1998), o ato de torcer por um time do coração é basicamente um código social central na identidade dos torcedores, assim como, gênero, raça e sexualidade. Se tornando uma atividade básica que orienta as vidas e ações do sujeito. De acordo com Murad (2007), "O futebol é o mais significativo fenômeno das "culturas das multidões" no Brasil, estimulando corações e mentes, em regiões diversas, em classes sociais distintas, em diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e relações de gênero." (Murad, 2007, p.109). Atualmente, o futebol alcançou o nível global, sinalizando para a indústria do entretenimento e para a "cultura de massa" um espetáculo lucrativo. A mobilização do público sempre foi evidente, desde as primeiras décadas do século XX, mas a massificação e a mercantilização só ocorreram após a Segunda Guerra Mundial (Pinheiro, 2020).

Segundo Heloísa Reis (1988), "A imprensa (principalmente os jornais) ampliou os espaços dedicados ao futebol. Os locutores esportivos de rádio também tiveram grande contribuição para a popularização do esporte por ser esta uma narrativa distintiva." (Reis, 1988, p.37). A imprensa teve um papel fundamental para o futebol se tornar um patrimônio nacional brasileiro, a construção da narrativa foi importante para se criar a imagem do "país do futebol" que o Brasil carrega mundialmente.

O processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional no Brasil se consolidou em um curto espaço de tempo. No período entre as Copas do Mundo de 1938 e 1958 ocorreu a massificação da modalidade através da imprensa e despertou a atenção e interesses de lideranças políticas. A conquista do tricampeonato mundial entre 1958 e 1970 e o orgulho cada vez maior pela seleção brasileira apenas reforçaram essa expressão de "país do futebol". A modalidade pode não ter sido criada em terras brasileiras, mas talvez tenha sido no Brasil o lugar onde o futebol mais foi aperfeiçoado, despertando admiração dos fãs em todo o mundo. (Freitas; Trigo, 2020, p. 130).

Segundo Giulianotti (2002), existem três estágios evolutivos no futebol: tradicional, moderno e pós-moderno. O tradicional diz respeito ao período entre a revolução industrial e a Primeira Guerra Mundial, contando com a profissionalização dos atletas na Europa. O período moderno, é caracterizado pela globalização do esporte mundialmente, a partir da primeira Copa do Mundo realizada em 1930 no Uruguai. A era moderna chega ao fim e o pós-moderno chega na década de 1980 e é marcada pela inclusão do mercado na prática esportiva e da midiaticização, a cultura de consumo e a cultura jovem acabam influenciando cada vez mais os aspectos gerais do jogo. Para DaMatta (1982), o esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade faz parte do esporte, é um conjunto de valores e relações sociais, por juntar diferentes esferas sociais em uma partida.

Esta construção identitária brasileira, focada através do futebol, está marcada por contradições e polaridades que a tornam particularmente interessante; ela está atravessada pelos conflitos, problemas sociais e políticos que constituem o fundamento do Brasil enquanto nação. Na sua evolução histórica, que contém muitos elementos suficientemente conhecidos e estudados, o jogo bretão importado e elitista se transforma, violentamente, em esporte popular e nacional. (Vejmelka, 2018, p. 64).

O futebol tornou-se um elemento principal para a cultura brasileira. De acordo com DaMatta (1994), a prática esportiva no Brasil pode ser considerada um instrumento que permite experimentar a justiça social e a igualdade aberta e democrática. Outra medida política foi tomada em torno do futebol, como reflexo da sociedade patriarcal, as mulheres foram proibidas pelo governo de Vargas, com o decreto n. 3.199, de praticarem a modalidade.

Entre estes princípios, estava a censura das mulheres à prática esportiva. A nova lei as proibiam de praticarem esportes que fossem “incompatíveis com as condições de sua natureza”, caso do futebol. Apenas em 1983 essa lei foi revogada e elas puderam jogar futebol profissionalmente. Na prática o que estava havendo era uma espécie de oficialização do esporte nacional. (Freitas; Trigo, 2020, p. 122).

O futebol não estava disponível para as mulheres, ele teve que ser conquistado. “Os esportes modernos foram construídos culturalmente para os homens. O que significa dizer que, assim como em todos os ramos sociais, também nos esportes a mulher teve que conquistar sua participação e ganhar o seu reconhecimento.” (Reis, 1988, p.46).

4.2 Futebol e Política

O esporte no Brasil sempre teve ligação com a política. Nos anos 1960, o Brasil já campeão do mundo, tinha como presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade criada em 1914, João Havelange que mantinha proximidade com o regime militar e buscava assumir o comando da Federação Internacional de Futebol (FIFA). (Carvalho, 2020). Mas desde o princípio da prática esportiva no Brasil a relação política e futebol esteve presente. O Estado Novo foi implantado em 10 de novembro de 1937, o regime político adotado por Getúlio Vargas foi marcado pela centralização do poder e as características ditatoriais, como plano de integração nacional, o presidente se utilizou do futebol para conquistar as massas. (Freitas; Trigo, 2020).

O método de usar o esporte, e principalmente o futebol, como instrumento político não foi algo que apenas Vargas usufruiu. Outros líderes contemporâneos do presidente brasileiro também se utilizaram dessa estratégia. Benito Mussolini se aproveitou das conquistas da seleção italiana bicampeã mundial para popularizar seus ideais fascistas. Adolf Hitler apoiou-se nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 para fazer propaganda global da ideologia nazista. Outros ditadores como Francisco Franco na Espanha e Antonio Salazar em Portugal também se aproveitaram para ligar ao (*sic.*) futebol a seus regimes totalitários. No Brasil a fórmula seria novamente utilizada em outros momentos, principalmente durante a ditadura militar. (Freitas; Trigo, 2020, p. 122).

Em 16 de abril de 1941, o presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), Luiz Aranha, designado por Getúlio Vargas, deu a seguinte declaração ao Jornal Folha da Manhã³ "O desporto precisa viver em função da nacionalidade. Não só formar uma raça robusta fisicamente, mas torná-la moral e civicamente forte." Demonstrando o interesse do governo na popularização do esporte para o fortalecimento do nacionalismo. No contexto brasileiro, o futebol desempenhou um papel incontestável ao permitir que a população unisse os símbolos do Estado nacional (bandeira, hino e cores nacionais) aos seus valores. Esses

³Declaração de Luiz Aranha no Jornal Folha da Manhã

elementos eram exclusivos de uma elite restrita e dos militares, acabaram sendo apropriados pelo povo por meio do futebol (Damatta, 1994). A apropriação dos símbolos nacionais por militares ganhou força com o governo do militar Emílio Garrastazu Médici, segundo Livia Magalhães (2011):

Com Médici, as relações entre política e futebol se intensificaram. O general era um fanático do esporte, e fazia questão de divulgá-lo, assim como a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável pela propaganda oficial. Para a AERP, o dueto futebol e Médici caiu como uma luva na construção de uma imagem positiva do líder e de sua aproximação com os setores populares. (Magalhães, 2011, p. 3).

Atitudes como fazer embaixadinhas na TV aberta, ligações e telegramas para a seleção brasileira, além da abertura do Palácio da Alvorada para a população por causa da vitória da Copa do Mundo de 1970, tudo isso foi utilizado por Médici durante seu governo (Magalhães, 2011). "É cristalina a utilização do esporte pelo Estado brasileiro como forma de manifestar uma propaganda a seu favor, constituindo uma relação entre o futebol e a política como um fator de vitória, força e superação, mesmo que em momentos complicados." (Carvalho, 2020, p.37). O governo de Médici marcou o auge da Ditadura Militar que esteve presente no Brasil no período de 1964 a 1985.

Após o Golpe Militar de 1964, o esporte foi ainda mais utilizado pela política do regime militar, sendo aparelhado pelo Estado de forma a reproduzir para a sociedade uma suposta "coesão" social, com o intuito de se criar uma hegemonia ideológica – até mesmo por existir perseguição a quem se opunha ao regime, com torturas e execuções. A construção de uma identidade nacional é mais presente nesse momento, existindo a intenção clara por parte de um Estado brasileiro autoritário de se fazer isso em torno do futebol. (Carvalho, 2020, p. 37).

No Brasil, um cenário de crise tanto no futebol quanto no regime político tornou-se realidade. A ditadura, que enfrentava uma crescente insustentabilidade, se viu diante de adotar uma abertura política "lenta, gradual e segura" com o intuito de preservar o controle da situação e garantir a manutenção da ordem social estabelecida, além de conceder anistia aos militares acusados e envolvidos em casos de tortura (Magalhães, 2011).

Foi assim que em 1971 o futebol ultrapassou os domínios locais com a realização do primeiro Campeonato Brasileiro, e tornou-se de vez um grande investimento como benefício político. O novo Campeonato foi um sucesso, e resistiu até ao fim do regime, porém foi constantemente um espaço de disputas políticas, tanto para o governo como para os clubes e seus dirigentes. (Magalhães, 2011, p. 10).

No ano de 1979, o regime brasileiro encontrava-se em um crescente desgaste diante da crise institucional e econômica que atingia o país. Paralelamente, a promulgação da Lei da Anistia permitiu o retorno ao país de diversos presos políticos que haviam se exilado devido à

ditadura militar. Em setembro de 1979, a extinção da CBD deu lugar a criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sendo o empresário Giulite Coutinho seu primeiro presidente. O Campeonato Brasileiro apresentava um excesso de participantes, com 80 times disputando o título, resultado da operação política do campeonato pelos militares. Coutinho buscou reestruturar o futebol brasileiro, desvinculado em certa medida da política nacional. Assim, em 1980, o campeonato já contava com apenas 44 equipes (Magalhães, 2011).

No início da década de 80 o Brasil vivia a ânsia da abertura política, com as eleições livres para governador marcadas para 1982. Foi nesse clima de luta pela liberdade e restabelecimento do sistema democrático no país que o futebol brasileiro viveu uma experiência inédita que o marcou, e também a própria sociedade, a Democracia Corinthiana. (Magalhães, 2011, p. 11).

"Doutor Sócrates", Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, se uniu a outros jogadores como Walter Casagrande Júnior e Wladimir Rodrigues dos Santos e demais profissionais do Corinthians chegaram a conclusão de que era o momento de encerrar o paternalismo que transpassava o futebol brasileiro e seus dirigentes. Desse modo, uma nova forma de relacionamento entre todos os envolvidos foi definida: uma democracia (Magalhães, 2011). Para Osmar Souza Junior (2020), a Democracia Corinthiana evidenciou os significados de democracia, englobando a luta pelos direitos de jogadores que exercem sua profissão com dignidade quanto o engajamento político dos atletas no projeto de uma sociedade mais justa e inclusiva para todos/as. E foi assim, que esse movimento fez parte do processo político interno que envolviam discussões sobre a política nacional, com a manifestação das "Diretas Já!" propondo a reabertura democrática no Brasil (Gomes, 2020). Para Sócrates, o futebol poderia ser uma ponte para a transformação da sociedade e da política: "A gente também pode transformar a sociedade por meio do futebol. É o único meio, penso, que pode acelerar o processo de transformação da nossa sociedade porque é a nossa maior identidade cultural. Todos entendem de futebol. De política, nada". (Magalhães, 2011 *apud* Sócrates, 2002, p.58).

Futebol e política são domínios que, no Brasil, seguem juntos, num paralelismo certamente muito revelador. Pois, no futebol, como na política, existe o mesmo confronto de vontades individuais e destino, biografias e coletividades governadas por leis impessoais. Do mesmo modo, em ambas as atividades é preciso saber jogar e uma tática deve ser desenvolvida para a conquista da vitória. Na política e no futebol, por outro lado, fatores imprevisíveis podem interferir, dando vitória para uma equipe ou um candidato obscuro, pois os resultados são insondáveis, dependendo de "sorte". Finalmente, em ambas as esferas, pode-se ascender socialmente, não havendo um modo de prever com segurança uma relação direta (e racional) entre meios e fins. Futebol e política são domínios que, no Brasil, estão também unidos pelo fato de que "chamam" seus adeptos e praticantes. É preciso, pois, ter "talento, e/ou "vocaçào" para entrar no futebol ou na política. (Damatta, 1982, p. 27).

A trajetória do futebol nesse período ficou marcada pela sua contribuição ativa para o processo de transição democrática, com jogadores que se mostravam conscientes, militantes e alinhados com a esquerda política. Essa dinâmica fortaleceu o mito do futebol como uma ferramenta ativa para impulsionar mudanças políticas progressistas. (Vejmelka, 2018).

4.3 O fenômeno das torcidas organizadas

Pode-se afirmar que as torcidas organizadas, estabelecidas de forma consolidada em 1980, configuram-se como uma vasta organização burocrática, operando racionalmente para gerenciar os sentimentos, paixões e emoções dos torcedores. Elas envolvem os torcedores em um frenético ritual simbólico de cânticos e gritos de guerra, que ocorrem antes, durante e após o espetáculo esportivo (Santos, 1998). Para Sobrinho (2013), "As torcidas, à medida que ganharam autonomia em relação aos clubes, tomaram para si e (re)significaram não só as cores, mas todos os símbolos que caracterizavam os respectivos clubes" (Sobrinho, 2013, p.7). As torcidas são o reflexo do time do coração, assim como, da sociedade brasileira, por isso, muitas vezes protagonizam cenas violentas:

E, no contexto futebolístico nacional, esse processo de coisificação favorece os interesses dos protagonistas da violência estrutural (federações, emissoras de televisão, dirigentes, clubes, polícia etc.). São eles os responsáveis por condições prejudiciais ao futebol e a seus espectadores: corrupção, má gestão e organização do futebol, precariedade de infraestrutura física e serviços dos estádios, horário impróprio das partidas, abuso de poder, alto valor do ingresso, recurso ao "tapetão" e tantos outros fatores. Não se deve combater somente a violência direta (brigas) e conformar-se com as violências estruturais (corrupção, manipulação de resultados, abuso de poder etc.) e culturais (discursos machistas e homofóbicos etc.). (Palhares; Schwartz, 2015, p. 23).

Um dos eventos marcantes de violência ocorreu em 20 de agosto de 1995, protagonizada pelas torcidas organizadas do Palmeiras e do São Paulo, após a decisão da Supercopa de Juniores que ocorria no estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, a batalha sangrenta em campo resultou em 102 feridos e um rapaz morto (Santos, 1998). Segundo Palhares e Schwartz (2015), os episódios violentos envolvendo torcedores de futebol ganharam notoriedade mundial na década de 1960, despertando a atenção da sociedade, dos políticos e da mídia para a questão dos confrontos violentos entre torcedores e forças policiais, como é o caso dos *hooligans* ingleses. No Brasil, a violência no futebol geralmente é atribuída a um grupo particular de torcedores conhecidos como torcedores organizados, que possuem métodos específicos de organização e participação nos eventos futebolísticos (Lopes, 2012). Além da paixão pelo clube, esses grupos formam uma rede de sociabilidade que eles próprios denominam de família. A composição das torcidas organizadas abrange pessoas de

diferentes níveis socioeconômicos e faixas etárias, incluindo aqueles que encontram oportunidades de carreira dentro dessas estruturas. No entanto, a maioria dos frequentadores das torcidas organizadas é composta por jovens de baixa renda, que estão excluídos dos principais circuitos de consumo do Estado de São Paulo (Santos, 1998).

A partir da visão dos “torcedores” (muitas vezes denominados vândalos em trabalhos científicos) e das “autoridades” envolvidas com o evento esportivo, busca-se relacionar a violência produzida entre as “torcidas organizadas” com os “jogos” de relações sociais travados no espaço urbano. Pelos olhos desses envolvidos é que se encaminhará a fundamentação das questões levantadas. (Pimenta, 2000, p. 122).

No contexto do futebol, ocorre uma forma de objetificação por meio da associação da palavra "violência" a ações específicas, como brigar, lutar ou se envolver em confrontos físicos. Isso resulta em um conceito restrito de violência, que não considera outras formas graves de violência, tais como o tratamento dado aos torcedores nos estádios, horários inadequados das partidas, preços altos dos ingressos, corrupção, má gestão e desorganização do futebol, manifestações de racismo e preconceito, entre outros (Palhares; Schwartz, 2015). Para Lopes (2012), "nesse sentido, uma produção jornalística mentirosa, ou que estigmatiza um determinado grupo de torcedores, pode ser considerada uma violência, assim como a prática de ameaçar a torcida adversária" (Lopes, 2012, p. 24). A violência é uma questão significativa no campo esportivo, abrange uma extensa agenda social e política. No contexto do futebol, esporte de grande impacto social e midiático, episódios de violência envolvendo atletas e/ou torcedores são frequentemente associados a essa modalidade (Palhares; Schwartz, 2015).

No contexto brasileiro, por exemplo, os torcedores organizados são invariavelmente acusados por jornalistas e autoridades públicas de serem os principais responsáveis pela violência no futebol. Adjetivos como "vândalos", "marginais" e "vagabundos" são frequentemente utilizados para rotulá-los. (Lopes, 2012, p. 48).

Os fenômenos descritos anteriormente indicam que a televisão se tornou um elemento decisivo tanto no Brasil quanto no mundo, na definição da organização e do modelo de futebol a ser seguido, influenciando tanto os modos de produção quanto os de transmissão e recepção do futebol. O tratamento sensacionalista dado ao tema tem levado os torcedores organizados a expressar críticas aos meios de comunicação. (Lopes, 2012). Em 13 de dezembro de 2014, a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG) foi criada, com o intuito de estabelecer uma cultura de paz entre as torcidas organizadas, buscando maior diálogo. Além de questionar e denunciar pontos pouco discutidos no futebol, como os valores abusivos dos ingressos, os horários improváveis em que são realizadas as partidas, contribuem

também com a diminuição da violência direta, estrutural e cultural que predomina nas arquibancadas (Palhares; Schwartz, 2015).

O “torcedor”, no modelo “organizado”, não é mais um mero espectador do “jogo”. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo. No grupo ele expressa sua masculinidade, seus sentimentos de solidariedade, de companheirismo e de pertencimento em um grupo que o acolhe. (Pimenta, 2000, p. 125).

Pode-se afirmar que o torcedor é alguém profundamente envolvido e entusiasmado, e a sua paixão pelo futebol desempenha um papel fundamental na formação de sua identidade e na organização da sua perspectiva sobre o mundo. Os eventos e as lembranças vivenciadas por meio do futebol são incorporados às biografias individuais de cada membro, e o vínculo emocional dos torcedores com o esporte contém uma dimensão significativa, porém a intensidade dessa paixão também pode trazer consigo alguns perigos, incluindo o risco de que o entusiasmo excessivo se transforme em atos violentos (Rios, 2014).

Com isso, além de refutar a ideia de que a violência no futebol estaria ligada apenas a pobreza econômica, também refuta outras duas ideias: a finalista, que entende que a violência no futebol brasileiro tem como principal causa a própria sociedade brasileira - ela é que seria violenta - e a psicológica, que entende que esta violência tem como principal causa a falta de maturidade do torcedor brasileiro. (Lopes, 2012, p. 146).

É assim que nascem os coletivos, para o reforço de sua identidade como pessoa, e é isto que os coletivos antifascistas se propõe a fazer, reconstruir a imagem do esporte das elites para uma cultura popular e simples, prezando pela não elitização do esporte. O simples fato de fazer parte de uma torcida organizada ou de um coletivo é uma maneira de fazer política.

Torcer por um clube, mais do que um processo de socialização, adquire também uma conotação política. Identificar-se ou repudiar alinhamentos políticos de jogadores/as, treinadores/as ou dirigentes de clubes faz parte deste jogo. Nas arquibancadas circulam discursos que expressam e constroem visões de mundo. Torcer por um clube de futebol, para muitos/as dos/as brasileiros/as pode representar o acesso à vida pública. (Souza Junior, 2020, p. 205).

Por isso, resistir ao futebol moderno, à elitização e à opressão da classe trabalhadora era a narrativa predominante na primeira década do século XXI. Com objetivo de impactar e repercutir politicamente, promovendo as bandeiras de torcer para um time operário (Pinheiro, 2020).

4.3.1 Coletivos Antifascistas

A origem da palavra facismo vem do *fascio* italiano, que significa a autoridade do estado “o facismo foi uma grande inovação política do século XX e também a origem da boa

parte de seus sofrimentos” (Paxton, 2007, p.13). A primeira torcida antifascista brasileira, surgiu em 2005 com o Ultras Resistência Coral Ferroviário - CE. Os torcedores que também eram apoiadores do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e estavam dispostos a levantar bandeiras contra o racismo, a homofobia e o machismo (Pinheiro, 2020). Os coletivos antifascistas ganharam força no Brasil, principalmente, após junho de 2013 com o movimento “jornadas de junho”, que iniciou no dia 6 de junho com o principal intuito de protestar contra o aumento das tarifas do transporte público de São Paulo, contando com o apoio do Movimento Passe Livre (MPL). Segundo Monné (2021), o que ocorre “após as Jornadas de Junho, partidos e movimentos de direita que buscam se estabelecer como herdeiros do legado desse ciclo de manifestações se apropriaram novamente das cores e símbolos pátrios, afastando-os do restante da população.” (Monné, 2021, p.17).

Refletir sobre questões emergentes pós-2013 no futebol e o conservadorismo/antifascismo na atual conjuntura brasileira se faz necessário para contribuir com a compreensão de nosso atual contexto. Considerando que o futebol é um influente meio de transmissão de ideologias e perspectivas políticas, o que está posto é um cenário contraditório no qual grupos se enfrentam no campo das ideologias consubstanciando uma lógica de conflito. Tal questão põe em jogo questões políticas que envolvem um certo direcionamento ideológico de indivíduos. (Garcez; Martins, 2021, p. 289).

Apesar dos repertórios originados das Jornadas de Junho estavam focados na corrupção. No entanto, a entrada desses coletivos no cenário do futebol possibilitou a abertura de novas reflexões e discussões, assuntos que já estavam ligados à estrutura do futebol, como a homofobia, o sexismo, o machismo e o racismo começaram a ser questionados (Silveira, 2021).

Dentre esses grupos temos as torcidas Queer e Livre, que levantam o debate sobre gênero e sexualidade, e as torcidas antifascistas, que tem como pauta principal a luta contra o avanço de um fascismo por via políticas institucionais e discursivas. Além disso, foi possível notar a reivindicação de coletivos que abrangiam o direito à cidade, principalmente após a construção das novas Arenas, entre outros movimentos contestatórios que iam além das reivindicações do “futebol moderno”. (Silveira, 2021, p. 39)

O futebol moderno, segundo a definição de Silveira (2021), seriam as transformações econômicas, culturais, sociais, arquitetônicas e organizacionais da mercantilização do futebol, presente desde o final do século XX e nos primeiros anos do século XXI (Pinheiro, 2020). De acordo com torcedores militantes, a “arenização” é o problema atual do futebol moderno, a construção de arenas modernas está causando uma mudança significativa no torcedor e transformando a composição atual dos frequentadores dos estádios (Lopes; Hollanda, 2018).

Na segunda metade da década de 2010, pode-se observar uma crescente de forças conservadoras e de extrema direita mundo afora - com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, a ascensão de partidos de extrema direita na Europa, a vitória de partidos e personalidades alinhadas a pautas conservadoras e de extrema direita na América Latina com a eleição de Mauricio Macri na Argentina, em 2015, e no Brasil, Jair Bolsonaro, em 2018. O bolsonarismo é caracterizado como um movimento ultradireitista com elementos neofascistas em sua ideologia, embora sua estrutura em si não seja diretamente comparável ao fascismo tradicional. Inspirados nos protestos decorrentes do assassinato de George Floyd⁴, e com o caso do João Pedro⁵, os brasileiros foram às ruas e nesse movimento os torcedores organizados estiveram presentes. Em São Paulo a Gaviões da Fiel realizou protestos ao lado de torcedores palmeirenses e são-paulinos na avenida paulista (Soares, 2022).

Não é coincidência que essas torcidas ganharam relevância depois das eleições de 2018 e que elas tenham chamado para si o protagonismo em 2020 em combate ao movimento bolsonarista que apresentou manifestações contra as ações de isolamento físico - promovidos por governadores das Unidades da Federação e boicotados pelo presidente da República - com o intuito de preservar vidas com a diminuição do contágio pelo coronavírus. (Soares, 2022, p. 38).

Conforme a reportagem do jornal El País, em 25 de dezembro de 2019, havia 60 grupos de torcedores que se identificam como antifascistas (Magri, 2019).

Contribui para (re)conectar os problemas do futebol com seu contexto histórico, político, cultural e social mais amplo. É difícil pensar em estratégias de enfrentamento do processo de “arenização” dos estádios, por exemplo, sem levar em consideração a lógica neoliberal de construção das cidades atuais. Ademais, essa agenda joga luz sobre (e propõe transformar) relações de dominação que raramente são criticadas pelas torcidas organizadas, como as de gênero. (Lopes; Hollanda, 2018, p. 226)

Segundo Nathalia Borges e Felipe Borba (2020), “[...] o antifascismo atua muito mais como um elemento unificador entre estes coletivos de torcedores. É justamente este antifascismo ressignificado que nos permite dizer que as antifas⁶ caminham sob certo alinhamento” (Borba; Borges, 2020, p.3). Em um determinado momento, o futebol desempenha um papel significativo e se tornou um terreno fértil para a materialização de conflitos e mobilizações políticas. Em certas ocasiões, os estádios se tornam palcos de

⁴ George Floyd, foi um homem negro assassinado em Minneapolis, nos Estados Unidos, no dia 25 de maio de 2020, estrangulado pelo policial Derek Chauvin, que ajoelhou em seu pescoço durante uma abordagem por supostamente usar uma nota falsificada de vinte dólares em um supermercado, o caso inspirou uma onda de protestos antirracistas chamados de “Black Lives Matter”. ([Reportagem sobre o caso e o impacto](#)).

⁵ João Pedro, de 14 anos, foi morto com um tiro na barriga após uma operação conjunta da Polícia Federal e da Polícia Civil no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. O adolescente foi resgatado por um helicóptero do Corpo de Bombeiros, mas desapareceu por horas e foi encontrado apenas na manhã do outro dia pela família no Instituto Médico Legal de Tribobó. ([Reportagem sobre o caso](#)).

⁶ “antifas” é uma espécie de apelido das torcidas antifascistas.

expressões políticas, enquanto em outras, as competições e a linguagem própria do esporte atuaram como motivadores de manifestações populares (Monné, 2021). Segundo Lopes e Hollanda (2018), “Os coletivos tendem a fazer do futebol uma arena privilegiada de lutas políticas e sociais mais amplas, ainda que questões ligadas ao clube e ao futebol também façam parte de sua agenda” (Lopes; Hollanda, 2018, p. 226).

Essa diferença de pauta parece motivar modos de atuação distintos. Enquanto o principal espaço de ação política das torcidas organizadas é o estádio, o de muitos coletivos, por seu turno, é a rua. Além de promoverem ciclos de palestra, fóruns de debate e outros eventos culturais, esses coletivos costumam marcar presença em manifestações de esquerda, inclusive junto a coletivos de torcidas rivais. (Lopes; Hollanda, 2018, p. 226).

Em maio de 2020, os coletivos antifascistas foram às ruas novamente para protestar, contra a gestão do Governo Bolsonaro em relação à pandemia de Covid-19 e desde então se fazem presentes em manifestações pela democracia, “[...] trouxeram para as ruas a performatividade estética e simbólica engendrada nas arquibancadas, agora materializada nas ruas, articulando o futebol aos movimentos pela democracia.” (Souza Junior, 2020, p.203). Segundo Phelipe Carvalho, Marianna Andrade e Roberto Souza Junior (2022), após três dias dos protestos, o então presidente da República, Jair Bolsonaro, expressou críticas e rotulou os torcedores identificados como “antifas” de “marginais” e “terroristas”⁷. Como consequência, houve um aumento de novas reportagens, em sua grande maioria reclassificando aquelas identidades torcedoras como sendo todas “antifascista” (Carvalho; Andrade; Souza Junior, 2022).

Essas torcidas, que não veem a si mesmas como “torcidas organizadas”, articulam os debates a respeito de futebol – preferencialmente sobre os clubes pelos quais torcem – a questões políticas e sociais como a luta contra o racismo, o machismo e a homofobia. Suas discussões adotam também um posicionamento crítico em relação ao capitalismo enquanto sistema econômico, político e social que se relaciona com as demais formas de dominação e que é responsável por mudanças de caráter elitista e excludente no futebol, presentes desde antes do avanço da extrema-direita a partir de 2016. (Monné, 2021 p. 21).

Uma das características dos coletivos antifascistas é a presença feminina que compõe uma frente ampla de resistência antifascista, as mulheres determinaram seu território na linha de frente dos protestos que ocorreram na capital paulista em maio de 2020. Enfrentando além do coronavírus, a repressão da polícia, dos bolsonaristas presentes, enfrentaram também o maior vilão da mulher no ambiente esportivo, o machismo que aparece de maneira escancarada nas arquibancadas até hoje (Souza Junior, 2020). Segundo Pinheiro (2020), “[...]”

⁷ [Bolsonaro diz que Antifas são 'marginais' e 'terroristas' | Política | G1 \(globo.com\)](#)

a massificação das torcidas antifascistas enquanto alternativa urgente para que a cultura machista e violenta do esporte não seja naturalizada, instituindo a pauta democrática contra a homofobia, o racismo e a violência contra a mulher. (Pinheiro, 2020, p. 36).

Os coletivos manifestam sua posição contra o que consideram processos de opressão presentes no futebol brasileiro, como machismo, homofobia, racismo e xenofobia, buscando pela superação de tais estruturas. Além disso, eles fazem referências ao movimento “Democracia Corinthiana”, como uma representação do potencial que o clube tem para gerar posicionamentos contestatórios que contribuem para a construção de um capital simbólico próprio da história do clube (Pinto, 2017). Embora cada torcida tenha sua própria abordagem, baseada em seu contingente, objetivos e necessidades contextuais, foram identificadas quatro formas principais pelas quais essas torcidas se relacionam com seu ambiente: 1) engajamento em ações conjuntas com outros movimentos sociais, como movimentos feministas e movimentos negros fora dos estádios; 2) enfrentamento de torcedores que demonstram comportamentos discriminatórios contra minorias presentes nos estádios, principalmente em relação ao racismo, machismo ou homofobia; 3) participação em manifestações independentes, tanto dentro quanto fora dos estádios, em busca de ingressos acessíveis ou em torno de pautas políticas; 4) envolvimento em redes sociais virtuais, através de publicações que abordam temas relevantes para as torcidas antifascistas (Monné, 2021).

A história do futebol no país mostra que ele pode servir como prática de distinção das elites, como reprodução de formas de dominação de raça, gênero, classe, sexualidade e religião, como inspiração para movimentos antidemocráticos, como mecanismo de legitimação de um regime autoritário. Mas, ao participar das disputas pelas interpretações da realidade social, o contexto do futebol também pode, por outro lado, oferecer múltiplas formas de cidadania e politização ausentes ou deficitárias em outros espaços da vida social do país, desde que aqueles que desejam a diminuição ou extinção das desigualdades sociais não se recusem a disputá-lo e ocupá-lo. (Monné, 2021, p. 27).

Os coletivos permanecem presentes em manifestações pela democracia, como a ocorrida em 9 de janeiro de 2023 na Avenida Paulista, organizada pelos coletivos Palmeiras Antifascista, Corinthians Antifascista, Bloco Tricolor Antifa e Santos Antifascista. Após o ataque a Brasília por eleitores fascistas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, que invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Palácio do Planalto.

4.4 Documentário

O documentário é uma produção de não-ficção que tem como foco os fenômenos da realidade social, caracterizando-se em um espaço de fronteira entre o jornalismo e o cinema,

uma vez que, utiliza de elementos discursivos e narrativos que se aproximam de produções ficcionais, mas possui uma ancoragem no real (Nichols, 2012; Lins; Mesquita, 2008). Deste modo, o documentário permite representar e refletir sobre temas de interesse público e social, como neste caso, as torcidas antifascistas. Para Fernão Ramos (2001), "o discurso documentário seria uma narrativa com imagens, composta por asserções que mantêm uma relação, similar a esta, com a realidade que designam." (Ramos, 2001, p. 6). Para Bill Nichols (2009) existem seis tipos de documentários, sendo eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. O documentário que será produzido neste projeto experimental é classificado como expositivo, pois traz elementos do contexto histórico e social, a partir de argumentação.

O documentário para Ramos, tem como intuito a representação do mundo de maneira não totalizante, pois ao posicionar o documentário dentro de uma perspectiva inocente da representação da realidade, carregada de um viés especulativo, é possível ultrapassar o campo da representação e aprofundar o universo da representação em si. Nesse contexto, surge um posicionamento moderno e contemporâneo do sujeito (Ramos, 2001). Para Nichols (2009), todo filme é um filme de documentário, pois documenta o espírito de uma época, sendo o passado, presente e futuro.

5. METODOLOGIA APLICADA

A produção escolhida para este projeto experimental é o formato de documentário. Utilizamos a definição de Sérgio Puccini (2009) sobre as etapas de produção: a pré-produção e a produção. Para Puccini (2009), o primeiro passo quando se produz um documentário é a sua proposta, por isso, queremos saber como é fazer parte de um coletivo antifascistas.

5.1 Pré-Produção

Nesta etapa, iniciamos com a pesquisa que se deu através da escolha do tema, das fontes, material fotográfico ou audiovisual que pudesse contribuir com a construção da narrativa. Para Puccini (2009) o documentário é uma narrativa que se sustenta por ocorrências do real, por isso, a necessidade de detalhar os passos que foram escolhidos para que se justifique as decisões tomadas antes, durante e depois das filmagens.

5.1.1 As fontes

Segundo Puccini (2009), é necessário que as fontes estejam dispostas e aceitem colaborar com o projeto. Este documentário, conta com nove fontes para a construção de narrativa. As fontes são: Micael Zaramella, Felipe Lopes, Matias Pinto, Dennys Oliveira, Graziela Massonetto, Letícia Pigari, Camila Cavalieri, Júlia Belas, Pamella Mazucatto. As fontes foram escolhidas de acordo com sua relevância com o tema e proximidade. Por se tratar de futebol, o coletivo é muito mais importante do que apenas um personagem, como reforça Puccini (2009), "[...] é bastante comum em filmes documentários a condução do assunto não por um personagem (protagonista), mas por um grupo de personagens." (Puccini, 2009, p. 45).

5.1.2 Materiais de apoio

Após a confirmação das fontes, o tema a ser estudado é mais aprofundado, se iniciando uma pesquisa. Para o autor, quatro fontes podem ser consultadas através de: material impresso, material de arquivo, entrevistas e pesquisa de campo nas locações de filmagem.

Cabe ao documentarista aprofundar seu conhecimento sobre o assunto certificando-se da quantidade e qualidade de material visual e textual disponível para o filme, além da real viabilidade de todas as possíveis locações. (Puccini, 2009, p. 32).

O material de arquivo também é empregado como material de apoio, pois ilustra eventos passados "Órgãos de imprensa, bibliotecas, museus, cinematecas, universidades, coleções particulares são algumas fontes possíveis [...] Os computadores e a internet são dois instrumentos que vêm facilitando o processo de busca." (Puccini, 2009, p. 32).

Durante a pesquisa de referências de produções audiovisuais de não-ficção, foi analisada a série "Futebol", de João Moreira Salles, produzida em 1988. O trabalho de enquadramento realizado neste documentário traz a atmosfera de uma partida de futebol, com câmera flutuante, a todo momento parece que o entrevistado vai marcar um gol ou começar a jogar. No documentário "Protesto Futebol Clube: Torcidas Organizadas contra o governo Bolsonaro" dirigido por Daniel Kfoury e disponível no Uol Prime⁸, que acompanhou os manifestantes antifascistas em protestos, com o intuito de entender o fenômeno político, a relação histórica das torcidas organizadas pela democracia e as tensões entre torcedores de times diferentes dentro do movimento, o diferencial deste documentário são as condições das entrevistas e as fontes escolhidas.

⁸ [▶ PROTESTO FUTEBOL CLUBE: TORCIDAS ORGANIZADAS CONTRA O GOVERNO BOLSO...](#)

5.1.3 Pautas

As principais perguntas para as fontes serão sobre a importância dos coletivos para a política e para os torcedores, sendo assim:

Para todos:

Como o futebol pode influenciar a política?

Os jogadores de futebol têm se envolvido cada vez mais em questões políticas, qual o impacto disso na sociedade?

Como podemos lidar com os casos de racismo no futebol?

O que significa fazer parte de um coletivo antifascista?

Quais são as diferenças entre os coletivos e os grupos políticos de esquerda?

Quais são as ações para o combate do fascismo?

Quais são os desafios enfrentados pelos coletivos antifascistas?

Para o Coletivo do Corinthians:

O que foi a Democracia Corinthiana?

Quais eram as principais ideias defendidas pela democracia corinthiana?

Como a democracia Corinthiana influenciou o cenário político na época e atualmente?

A democracia foi um movimento único ou houve tentativas de replicá-la em outros clubes na época?

Qual foi o legado deixado pela democracia corinthiana para o futebol brasileiro?

Para o coletivo do Palmeiras:

Qual a importância da Arrancada Heroica em 1942 para despertar o interesse político do clube e de seus torcedores?

Como a política se faz presente no Palmeiras?

A torcida palmeirense teve algum movimento durante a ditadura militar?

Jornalista:

Como a mídia colabora com os discursos de ódio contra os torcedores organizados?

Qual a sua visão sobre o crescimento das torcidas antifascistas?

Como a agenda midiática lida com as torcidas antifascistas?

Como a mídia pode colaborar para acalmar os ânimos nos estádios paulistas? e entre as torcidas organizadas?

5.1.4 Roteiro de entrevista semi-estruturada

As pré-entrevistas, são o primeiro contato com as possíveis fontes do documentário, e se faz necessária para obter mais informações, ou aprofundamento das informações já coletadas. Puccini (2009) alerta sobre os imprevistos que podem ocorrer neste percurso, como a resistência e até mesmo a recusa por parte do entrevistado. Neste tópico, Puccini cita Rosenthal (1996), que acredita que para evitar esses problemas, o primeiro contato pode ser realizado com registros a mão ou apenas a gravação do áudio da entrevista. Rosenthal prefere fazer a pré-entrevista ele mesmo, criando assim uma conexão com o entrevistado. Mas, outra fonte citada por Puccini, o documentarista Eduardo Coutinho, prefere que sua equipe faça a pré-entrevista. Essas abordagens devem ser realizadas de maneira cuidadosa, pois podem acabar levando o entrevistado a encenar na entrevista.

O autor comenta sobre a utilização, por Eduardo Coutinho, de um “dispositivo” para guiar a produção. Puccini (2009) descreve esse recurso a partir da análise dos documentários de Eduardo Coutinho, segundo ele, seria uma espécie de fio condutor da narrativa. É esse dispositivo, e não um roteiro mais planejado, que determina o desenvolvimento do documentário. “O interesse do dispositivo está na incerteza acerca dos resultados a serem obtidos por um projeto feito quase sem nenhum planejamento prévio” (Puccini, 2009, p.71).

Puccini também escreve sobre a importância que é estudar os locais de gravação, pois ajuda na prevenção de imprevistos e problemas técnicos que estejam relacionados com a iluminação e a captação de som, "uma maior familiaridade com os cenários de filmagem auxilia também na elaboração dos enquadramentos e no trabalho de câmera, possibilitando uma prévia roteirização da filmagem [...]" (Puccini, 2009, p.34). Também ajuda na compreensão de quais equipamentos e técnicos serão utilizados para a gravação.

5.1.5 Do cronograma de pré-produção

As entrevistas foram realizadas em Agosto e Setembro de 2023, de maneira presencial mas podendo ter exceções e serem realizadas de maneira remota pela Google Meet. Os materiais de apoio foram coletados em setembro e outubro.

5.2 Produção

Segundo Puccini, a produção depende do "levantamento das situações de filmagem exigidas pela produção" (Puccini, 2009, p.67). De acordo com o autor, a maneira em que será realizada a gravação das entrevistas, sendo em estúdio ou em lugares abertos, exige planejamento prévio dos planos e enquadramentos. Escolhas como estas que parecem menos

importantes, são relevantes para a leitura do documentário, ajudando a definição do estilo de direção.

Um dos tópicos importantes para Puccini é a espontaneidade que contém em um documentário, por ser um gênero que se permite ter autonomia para gravar cenas inesperadas, o diferenciando de um filme de ficção. A decupagem também é importante para entender e levantar os momentos que devem entrar no documentário.

5.3 Pós-Produção

A pós-produção para Puccini (2009), é quando a realizadora do documentário volta a ter controle da narrativa, retomando todo o material produzido e coletado. Realizando a montagem final do discurso que o documentário irá passar. Este é o último passo e foi executado entre outubro e novembro de 2023.

Neste processo, foi realizada a decupagem das entrevistas, a seleção de materiais de apoio, a realização do roteiro e os tratamentos de edição que foram dois tratamentos. Além, da criação de toda a identidade visual do documentário, para a identidade visual será realizada vinheta, GC'S, logo e banner para a disponibilização do documentário no Youtube.

6 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Neste tópico apresentamos o processo de execução, ou seja, aplicação da teoria na produção do documentário. Através de toda a teoria estudada até este momento é possível obter uma melhor compreensão do produto e como se deu seu processo de produção.

6.1 Pré-Produção

A pré-produção além do estado da arte, realizado através do BDTD e do Google Acadêmico, ocorreu com a busca de fontes com vivências na coletividade antifascista para que pudessem compartilhar as suas experiências como torcedores e pesquisadores da área. Ocorreu uma mudança no percurso deste trabalho, pois, pretendia abordar os coletivos dos quatro maiores clubes de São Paulo (Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos), neste meio tempo, não consegui contato com torcedores do Santos e os que consegui não toparam realizar entrevista. Então, o Santos acabou sendo excluído do documentário.

6.2 Produção

As gravações iniciaram no dia 3 de agosto e foram até 30 de setembro. A maioria das entrevistas foram realizadas de maneira presencial e as que foram feitas via Google Meet, foram realizadas assim por questão de logística. As fontes foram as seguintes:

Micael Zaramella, professor, a entrevista ocorreu presencial e teve a duração de 30 minutos. Micael é historiador e tem um livro publicado que se chama: No Gramado em que a Luta o Aguarda: Antifascismo e a Disputa Pela Democracia no Palmeiras.

Felipe Lopes, pesquisador, a entrevista teve 28 minutos e foi baseada nas pesquisas de campo que Felipe realizou com os coletivos antifascistas de São Paulo;

Matias Pinto, historiador e produtor do Xadrez Verbal, a entrevista teve 34 minutos e foi remota, focada na história do São Paulo como o time mais popular do estado;

Dennys Oliveira, professor de história e Diogo Tadeu, comerciante, 1h e 30 de entrevista presencial, ambos são fundadores do bloco tricolor antifascista e a entrevista foi baseada na criação do bloco;

Graziela Massonetto, jornalista, a entrevista foi presencial e durou 20 minutos, Graziela compartilhou sua experiência como mulher no ambiente do coletivo Coringão Antifa;

Letícia Pigari, analista de conteúdo, a entrevista foi remota e durou 20 minutos, fundadora do coletivo PorcoIris, o coletivos LGBTQIA+ do Palmeiras;

Camila Cavalieri, engenheira mecânica, presencial com duração de 16 minutos, a entrevista focou na experiência de ser mulher no estádio;

Júlia Belas, jornalista e pesquisadora das relações de raça, gênero e sexualidade no futebol. A entrevista ocorreu de forma remota com duração de 18 minutos, o enfoque foram as questões de gênero e raça no futebol e na mídia hegemônica;

Pamella Mazucatto, documentalista, a entrevista foi presencial com duração de 27 minutos, com enfoque em questões de gênero no esporte e no coletivo Coringão Antifa.

O título do documentário é "Contra-Ataque: resistência na arquibancada" e tem como objetivo expressar a relação entre o mundo do futebol e a política, temos como pressuposto a ideia de que estes dois elementos da cultura brasileira se cruzam a todo momento. O termo "contra-ataque" é uma tática esportiva utilizada pelos times para se defenderem do ataque adversário e, em seguida, virar a jogada ao seu favor. Por isso, se utilizando dessa explicação do título, o documentário ressalta como o futebol pode servir como uma plataforma de expressão política e social, que influencia tanto o universo futebolístico como a sociedade no geral. A identidade visual foi criada e produzida por mim mesma.

Figura 1 - Identidade visual do documentário



Fonte: Elaborada pela autora

A família de fontes escolhida foi a BPimperial projetada por George Triantafyllakos com o total de 4 estilos diferentes, uma fonte condensada apenas em tampas em dois pesos (leve e negrito), cada um acompanhado por itálico extremo de 12 graus. Com várias letras tentando se impor ao resto e um conjunto de escolhas de design inesperadas em algumas de suas marcas de pontuação. O objetivo de utilizar essa fonte é trazer a ideia retrô, trabalhar com uma fonte em itálico que dá essa ideia de movimento - muito utilizada no futebol - foi essencial.

As cores utilizadas para o título foi #000000 (preta), e para a ilustração de manifestação #19370D (verde) e no fundo da arte foi utilizada a cor #F9F7F8 (um cinza claro). Foram utilizadas cores neutras, com o intuito de unir a política e o esporte, mas as cores utilizadas são bem importantes no ambiente futebolístico.

A imagem que compõe o título, com pessoas portando bandeiras e megafones, exemplificam a luta dos protestos onde os coletivos se fazem presentes. O punho cerrado é um símbolo de solidariedade e apoio a causas relacionadas a conflitos sociais como racismo, xenofobia, sexismo, entre outros conflitos que fragilizam as relações humanas. Podendo ser

empregada como uma saudação que simboliza a união, a força, o desafio e o orgulho de pertencer a um grupo social politicamente minoritário, essa saudação tem suas raízes na antiga Assíria, onde era usada como um símbolo de resistência contra a violência.

Para a captação de vídeo e áudio, foram utilizados os seguintes equipamentos: Gravador Digital Sony Px240 Áudio Voz, Microfone BOYA by-MM1 e a Câmera Canon G7X Mark II.

6.3 Pós-produção

Para compreender o que queria passar no documentário depois de finalizar todas as entrevistas, iniciei a decupagem, recolhi os materiais de apoio autorais ou não — sempre dando os devidos créditos —, e trilhas. Após isso, iniciei o roteiro, com o roteiro pronto realizei a primeira edição, logo após essa edição modifiquei novamente o roteiro e fiz o segundo tratamento de edição.

Com o roteiro principal finalizado, retirei alguns cortes do roteiro e realizei a montagem de um teaser para a divulgação e apresentação do documentário no dia da defesa pública, o teaser tem duração de 1min30seg.

A ideia inicial era contratar uma designer para a produção de identidade visual, vinheta de abertura e GC (Figura 2), mas a ideia não vingou e eu acabei realizando esse trabalho também. O GC foi trabalhado seguindo como base a identidade visual principal, se utilizando da mesma família de fontes BPimperial e League Gothic, se utilizando também a mesma família de cores: #19370D e #3B6429 como sobreposição, para gerar a sensação de camada e dar destaque ao nome do entrevistado e a sua profissão.

Figura 2 - GC do documentário



Fonte: Elaborada pela autora

A ideia utilizada foi separar o documentário por nichos, para que o espectador pudesse compreender uma linha coerente das temáticas que abragem a luta antifascista.

Após toda essa jornada, passei para a montagem, que foi realizada através do Imovie. Com as imagens prontas, trilhas pré-selecionadas, houve um tratamento de áudio nas sonoras, levando em conta os locais de gravação, que foram lugares abertos e de grande circulação de pessoas. O produto foi finalizado com 15 minutos e 41 segundos.

7. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO

O interesse de realizar um Produto Experimental como TCC sempre esteve presente desde o começo da graduação. Como amante do futebol e membro de um coletivo antifascista, não teria outra escolha a não ser este tema. Sem dúvidas, é uma grande oportunidade de aprender mais sobre esse universo ainda pouco explorado no âmbito da comunicação.

Na construção do trabalho, o medo foi constante por adentrar em um assunto que ainda é pouco debatido - em relação a grande mídia e nas universidades - mas, ao voltar a São Paulo, um novo universo se abriu. Demorei cerca de duas semanas para iniciar as gravações, o que foi um leve atraso no cronograma planejado, nesse quesito contei com a ajuda da Mariana Mandelli, para a indicação de fontes, além de dar visibilidade ao meu tweet onde procurava por fontes.

Toda essa estrada reforçou o que aprendi durante os quatro anos de graduação. As dificuldades e as felicidades que somente o jornalismo pode proporcionar, onde um trabalho pode se transformar em algo bem maior do que imaginamos. As fontes que consegui o contato e as entrevistas não rolaram, como com o Walter Casagrande e Mauro Beting, devido às agendas impossibilitaram esse encontro.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão norteadora deste trabalho foi a seguinte: Qual a relação entre futebol e política? Para explicar essa relação, produzi um documentário expositivo, através da coleta de entrevistas de torcedores dos times do Corinthians, Palmeiras e São Paulo, além de pesquisadores da área que relataram sobre como essa relação existe e se cruza o tempo inteiro.

Existe uma relação da identidade brasileira relacionada ao futebol e a política, como dito por Vejmelka (2018) a construção identitária brasileira, construída pelo ponto de vista do futebol, revela-se como um fenômeno fascinante devido às suas próprias contradições e polaridades. Essa representação está profundamente entrelaçada com os conflitos, problemas sociais e políticos que constituem os princípios da nação brasileira. Ao longo de sua evolução histórica, notoriamente marcada por elementos amplamente estudados, o jogo bretão inicialmente importado e elitista sofre uma mudança violenta, transformando-se em um esporte popular e nacional. Neste ponto, notamos que há uma forte influência do futebol e da política juntos em relação à identidade brasileira. Desempenha um papel significativo na sociedade, o esporte serve como uma ferramenta pela qual os políticos buscam se associar a ele, adaptando-o como uma plataforma de propaganda governamental. Nesse contexto, as manifestações de esquerda no país, em conjunto com movimentos sociais, partidos e sindicatos, dizem que o futebol é, acima de tudo, uma expressão popular, o encontro entre futebol e política não apenas é viável, mas também constitui uma parte essencial de sua própria história.

No segundo objetivo específico, em que investigamos o papel dos coletivos antifascistas na mobilização social e política em temas como a luta contra o racismo, a misoginia e a defesa dos direitos humanos, constatamos que os coletivos são o principal meio de causas sociais chegarem às arquibancadas. Para Lopes e Hollanda (2018), “Os coletivos tendem a fazer do futebol uma arena privilegiada de lutas políticas e sociais mais amplas, ainda que questões ligadas ao clube e ao futebol também façam parte de sua agenda.”, (Lopes; Hollanda, 2018, p. 226). Segundo Eric Monné (2021), no cenário abordado, o futebol emerge como um cenário privilegiado, onde as percepções e interpretações relacionadas a ele

desempenham um papel fundamental na realização de disputas e mobilizações políticas. O fenômeno vai além, manifestando-se em ocasiões em que os estádios assumiram o papel de arenas para expressões políticas diretas. Em outros momentos, as competições e o próprio vocabulário particular ao esporte revelaram-se como poderoso incentivo de manifestações populares. O principal objetivo dos coletivos que percebi na construção deste trabalho é insistir na discussão sobre questões como racismo, sexismo, LGBTfobia e outras formas diversas de discriminação no futebol, como a elitização do esporte.

Como último objetivo específico, a meta era entender a importância dos coletivos antifascistas no Brasil. Como Pinheiro (2020), ressalta, a compreensão da relevância das torcidas antifascistas no futebol torna-se imperativa diante da histórica associação da figura masculina ao esporte, dando continuidade a uma cultura machista e violenta. Essa conexão pode facilitar uma reprodução naturalizada da cisheteronormatividade no âmbito esportivo. O acentuado risco dessa reprodução é especialmente evidente nas atuais tendências políticas do Brasil, marcadas pelo aumento do autoritarismo, do conservadorismo, da censura e do cerceamento das liberdades, que transpassam o futebol e impactam as formas de expressão dos torcedores e os espaços do esporte. Além de que, a ascensão dos coletivos de torcedores antifascistas é fundamentada, em grande medida, no segundo fator destacado, que se insere nos limites do universo futebolístico. Ao considerar que, historicamente, o futebol brasileiro foi moldado por uma arena excludente, afetando inclusive a classe torcedora, a presença das torcidas antifascistas nesse contexto pode ser interpretada como uma forma de ruptura. (Borba; Borges, 2020). Dar a devida importância de compreender esses movimentos, é essencial para impulsionar transformações positivas em diversos contextos, oferecendo a oportunidade de amenizar a percepção ainda existente do futebol como fonte de alienação, desvinculada de questões políticas, sociais e culturais.

Como resultado final, o documentário é uma contribuição no debate sobre os coletivos antifascista, seu crescimento e importância no Brasil. Mapeei, identifiquei e apresentei as questões que faziam sentido, como a relação de futebol e a política, as mulheres no ambiente antifascista e a importância dos coletivos nos últimos anos. Durante a construção desse trabalho, surgiram infinitas questões que não eram objetivos deste trabalho, cumprindo a função heurística de uma pesquisa, em que se responde o que se propõe, mas gera outras questões relacionadas ao tema. Uma dessas questões está em desenvolvimento em forma de artigo sobre a relação entre a violência doméstica e o futebol.

O projeto se justifica no contexto atual em que vivemos, onde os integrantes dos coletivos antifascistas tiveram um papel importante durante o governo Bolsonaro, as eleições

de 2022 e a tentativa de golpe no dia 8 de janeiro de 2023. Espero que, de alguma maneira, este trabalho e as suas reflexões contribuam para a formação de mais pesquisadores e jornalistas, além de incentivar aos que já estão atuando no mercado de trabalho a pautarem mais sobre os coletivos antifascistas de futebol.

REFERÊNCIAS

- BORBA, Felipe; BORGES, Nathalia. As torcidas antifascistas no Brasil: um estudo sobre o ativismo online nas eleições de 2018. In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 44., 2020, São Paulo. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2020. p. 1-18.
- CARVALHO, Emiliano Peggion de. **Política e esporte: a construção da ultradireita no interior do Palmeiras e a dialética da resistência**. 2020. 126 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Universidade Federal do Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Cuiabá, 2020.
- CARVALHO, P. C. P.; ANDRADE, M. C. B. de; SOUZA JUNIOR, R. de A. P. de. Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências. **FuLiA/UFMG**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 52–81, 2022. DOI: 10.35699/2526-4494.2022.35626. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/35626>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- DAMATTA, Roberto. **Esportes na sociedade: futebol como drama nacional**. Sociologia da religião – CONSILIUM/225 – 1989/5. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 62-74
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n.22, p. 10-17; 1994.
- DAMATTA, Roberto e outros. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro. Pinakothek, 1982.
- FRANÇA, Vera Veiga. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2016. Acesso em: 19 jan. 2023.
- FREITAS, Guilherme Silva Pires de; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. O processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional brasileira. **FuLiA/UFMG**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 115–134, 2020. DOI: 10.17851/2526-4494.4.3.115-134. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/22206>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- GARCEZ, Francisco Thiago Cavalcante. MARTINS, Laura Hemilly Campos, (2021). Entre o fascismo e o antifascismo: repercussões sociopolíticas no universo futebolístico. **O Público e o Privado**, 19 (39 mai/ago). <https://doi.org/10.52521/19.6836>
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOMES, V. **A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro**. 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Goiás, Goiânia, 2020.
- LINS, C.; MESQUITA, C. **Filma o real: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LOPES, F. T. P. **Discurso sobre a violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social.** São Paulo, 2012. 589 f. (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

LOPES, Felipe Tavares Paes. e de HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. (2018). “**Ódio eterno ao futebol moderno**”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. *Tempo*, 24(2), 206–232. <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2018V240202>

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**, Tradução de Mônica. Saddy Martins, 4a edição, Campinas: Papyrus, 2009.

MAGALHÃES, Livia G. Futebol em tempos de ditadura civil-militar. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH**, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300850798_ARQUIVO_MagalhaesLiviaANPUH2011.pdf Acesso em: 27 mai 2023.

MAGRI, Diogo. Torcidas antifascistas se multiplicam nas arquibancadas do futebol brasileiro. El País, 25 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2019-12-25/torcidas-antifascistas-se-multiplicam-nas-arquibancadas-do-futebol-brasileiro.html> Acesso em: 26 mai. 2023.

MONNÉ FRAGA DE OLIVEIRA, E. O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020. **Sociedade e Cultura, Goiânia**, v. 24, 2021. DOI: 10.5216/sec.v24.65892. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/65892>. Acesso em: 6 maio. 2023.

MURAD, Mauricio. O futebol no Brasil: reflexões sociológicas. In: *Caravelle*, nº89, 2007. pp. 109-128.

PALHARES, MFS., and SCHWARTZ, GM. **Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 129 p. ISBN 978-85-7983-742-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2007.

PINTO, Mauricio Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol.** Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2017.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, n., p. 122-128, 2000.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: Das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020).** 2020. 424 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

RAMOS, F. P. O que é documentário. In: BOCC - UBI.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade: as manifestações da torcida**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RIOS, Fábio Daniel da Silva. **Futebol, masculinidade e emoção: memórias apaixonadas de torcedores**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014

RIVITI, Thiago Garcia. **Futebol brasileiro na atualidade: história, cultura e profissionalização** 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa**. Projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker editores, 2001.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Acesso em: 04 jun. 2023.

SILVEIRA, Guilherme Pontes. **Futebol e resistência: O papel dos coletivos dos torcedores na ressignificação dos modos de torcer (2013-2018)**. 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

SOBRINHO, J. C.; CÉSAR, I. H. TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL: METAMORFOSES DE UM FENÔMENO DE MASSA. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], n. 3, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufm.br/interlegere/article/view/4774>. Acesso em: 4 jun. 2023.

SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corinthians – A utopia em jogo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

SOUZA JUNIOR, O. M. de. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. MOTRICIDADES: **Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 199–213, 2020. DOI: 10.29181/2594-6463-2020-v4-n2-p199-213. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2020-v4-n2-p199-213>. Acesso em: 6 maio. 2023.

VEJMEJKA, Marcel. Futebol, política e identidade no Brasil. **FuLiA/UFMG**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 61–79, 2018. DOI: 10.17851/2526-4494.3.1.61-79. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/13850>. Acesso em: 6 maio. 2023.